

12 de junho de 2019 | Nº25

Nos últimos 7 anos, a porção da oferta mundial assegurada pela *Organization of the Petroleum Exporting Countries* (OPEC) caiu cerca de 10 pontos percentuais, reflectindo a diminuta influência da organização no mercado mundial de petróleo. A consequente ineficácia das medidas adotadas pela OPEC para manter o mercado em equilíbrio tem resultado numa acumulação excessiva de stocks, com os analistas a estimarem que a organização deverá cortar a produção em pelo menos 3,2 milhões de barris por dia até 2020, numa tentativa de manter o preço do barril de crude acima dos US\$50. Paralelamente, e de acordo com as estimativas elaboradas pela *International Energy Agency* (IEA), pela *Energy Information Administration* (EIA) e pela própria OPEC, a oferta dos Estados Unidos deverá aumentar 1,64 milhões de barris por dia em 2019. Com esta tendência de crescimento, prevê-se que os EUA consigam atingir um nível de produção superior ao dos 14 países membros da OPEC juntos durante a próxima década.

Embora a produção dos EUA e da OPEC domine o mercado mundial, é ainda assinalável o crescimento da produção de petróleo noutros mercados. No Brasil, o aumento da produção está estimado em 280 mil barris por dia durante este ano, com a Petrobras a iniciar operações com 17 petroleiros durante o período 2019-2025, o maior número entre todos os operadores a nível global. Já na China, o apelo do Presidente Xi Jinping ao estímulo da produção e ao fortalecimento da segurança energética despoletou investimentos significativos por parte de *players* domésticos, no valor de US\$10,5b em 2018 e com US\$8,5b projetados para 2019. A indústria petrolífera neste país sofre assim uma notável reviravolta, contrariando uma queda de 507 mil barris por dia entre 2016 e 2018 com um aumento de 67 mil barris por dia até abril deste ano.

Contudo, apesar do crescimento médio da procura mundial em 1,3 milhões de barris por dia até 2020, existe um excesso de oferta de cerca de 26% e a procura por petróleo produzido em países da OPEC deverá cair 1,1 milhões de barris por dia até ao próximo ano. A guerra comercial entre os EUA e a China e o abrandamento do crescimento económico a nível mundial forçou ainda a IEA a rever as suas previsões de crescimento para a procura mundial, sendo apontada uma redução entre 200 e 320 mil barris por dia em 2019, relativamente às estimativas originais.

Na sessão do *International Economic Forum* em São Petersburgo, o encontro entre os Ministros da Energia Alexander Novak e Khalid Al-Falih representou um sinal importante relativamente ao rumo da OPEC. Os interesses divergentes entre a Arábia Saudita e a Rússia relativamente ao acordo OPEC+, aliados à volatilidade do mercado, dificultam a tomada de decisão. Embora a Rússia estivesse cética relativamente aos benefícios da cooperação com a OPEC, o ministro saudita confirmou, após a reunião, que a OPEC estenderá os cortes de produção durante a segunda metade de 2019. O preço do barril de Brent subiu rapidamente na sequência da conversa entre os ministros, registando-se um aumento de 2,4% para US\$63,12 por barril. A maioria dos membros da OPEC já confirmou a sua disponibilidade para o próximo encontro ministerial em Viena entre 2 e 4 de julho.

Deste modo, a crise que a OPEC enfrenta poderá ajudar a explicar a relutância que os países membros da organização têm demonstrado em auxiliar, quer o Irão, quer a Venezuela contra as sanções impostas pelos EUA. Com efeito, as baixas de produção sofridas pelos países afetados (estimadas em 3,17 milhões de barris por dia até 2020) poderão beneficiar os níveis de produção dos restantes países do cartel e contrabalançar os cortes de produção que lhes são exigidos para controlar os preços.



Figura 1 – Evolução preço do petróleo (WTI)

Pedro Salgado Figueira (pedro.figueira@expandcapital.pt); Tomás Magalhães (tomas.magalhaes@expandcapital.pt); Alexandre Silva